
Comunicação Sonora e Cidadania: o papel da Paisagem Sonora na ampliação de práticas inclusivas e de resistência em espaços artísticos da cidade¹

Marcello Monteiro Gabbay²
Fabiana Quintana Dias³
Laís Garcia Rocha⁴
Universidade São Judas Tadeu, SP

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os resultados e discussões preliminares do projeto de extensão universitária realizado em 2021 na USJT, São Paulo, em parceria com o MIS-SP, visando o desenvolvimento de metodologias de criação de paisagem sonora no contexto de cidades mais inclusivas, envolvendo docentes e discentes dos cursos de Comunicação, Arquitetura e Psicologia. Por meio de visitas técnicas e coleta de dados socioculturais e sonoros, o projeto desenvolveu documentos e produtos que propõem o uso da paisagem sonora como dispositivo inclusivo diante da crescente desmobilização dos espaços públicos e culturais das cidades.

Palavras-chave

paisagem sonora; comunicação sonora; cidades; cidadania; inclusão.

1. Paisagem Sonora, Cidade e Cidadania: uma introdução

Este artigo apresenta apreciações e resultados preliminares das experiências realizadas no projeto extensionista de desenho de som para acessibilidade, na Unidade Curricular “Desenho e Produção de Som”, da Universidade São Judas Tadeu, no primeiro semestre de 2021, em parceria com o Museu da Imagem e do Som de São Paulo. As bases teóricas e sociais da ação foram construídas sobre a necessidade de ampliar as ferramentas de acessibilidade em equipamentos culturais da cidade, promovendo a cidadania crítica, aquela onde o indivíduo participa da construção de sentidos sobre a cidade e suas estéticas. Para tanto, foi preciso definir as premissas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XXI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutor e Mestre em Comunicação e Cultura pela UFRJ, Especialista em Musicoterapia Preventiva e Social (FMU). Professor adjunto no curso de Comunicação da USJT, SP.

³ Doutora e Mestre em Multimeios pela Unicamp. Professora adjunta do curso de Comunicação da USJT, SP.

⁴ Historiadora e Especialista em Psicopedagogia (FMU). Assistente de Coordenação do Núcleo Educativo do MIS-SP. Graduada em Psicologia pela USJT, SP.

conceituais sobre a relação entre cidade, paisagem sonora e cidadania. Em síntese, acreditamos que a paisagem sonora pode ser um dispositivo comunicacional de acessibilidade que amplie as formas de relação com a cidade.

A relação dos moradores com sua cidade se dá de forma variada, implicando cores, sons, construções, espaços verdes, memória, dentre outros tantos aspectos. Além do papel central da paisagem sonora na construção do bem-estar psicossocial na cidade (HILLMAN, 1993; SCHAFFER, 2011; DURÁN, 2008), o que motivou este trabalho foi o contexto de desarticulação das cidades e dos espaços culturais nas instâncias governamentais, motivado por uma visão instrumentalista e conservadora da cultura e da cidade. Tal visão reduz a cidade a uma arena propícia ao desenvolvimento financeiro na construção civil e na privatização de espaços públicos, como vem acontecendo a exemplo do Parque Ibirapuera em São Paulo, ou ainda da querela envolvendo o espaço do Teatro Oficina na mesma cidade.

O que se observa é uma grande dissonância entre o projeto de cidade e as necessidades dos cidadãos e habitantes. “É, em si mesmo, uma conexão importante o fato de tanto o caráter quanto a gama da vida urbana serem dramaticamente influenciados pela qualidade do espaço público”, alerta o arquiteto e urbanista dinamarquês Jan Gehl (2010, p. 22). E completa:

Atividades sociais exigem a presença de outras pessoas e incluem todas as formas de comunicação entre as pessoas no espaço público. Se há vida e atividade no espaço urbano, então também existem muitas trocas sociais. Se o espaço da cidade for desolado e vazio, nada acontece” (GEHL, 2010, p. 22).

Jane Jacobs (2011), autora do famoso livro “Morte e Vida de Grandes Cidades”, de 1961, reúne diversos exemplos de cidades, onde a preocupação urbanística ressaltava a importância da diversidade sociocultural. A autora acusa a monotonia como expressão do monopólio capitalista que vai se ocupando das paisagens e espaços urbanos. A monotonia é fatal! Por outro lado, “as cidades são grandes geradoras naturais de diversidade”, afirma. E acrescenta: “onde quer que existam locais cheios de vida e atraentes nas cidades, os pequenos são muito mais numerosos que os grandes” (JACOBS, 2011, p. 159-161).

A diversidade é o primeiro ponto. Não existe comércio, mercado, sistema de consumo sem pessoas, casas, passantes, e as mais diversas formas de ocupação. A paisagem inclui o normativo e o dissonante, a paisagem inclui música e ruído. É o

equilíbrio que resulta em uma cidade inclusiva. Neste contexto, Jane Jacobs (2011, p. 165) destaca as quatro condições indispensáveis para a diversidade na cidade: 1. a variedade de atividades e horários de tráfego em um território; 2. a dinâmica das esquinas; 3. a variedade de construções e edificações, entre novas e antigas; e 4. a alta frequência de pessoas, sejam quais forem os seus propósitos. É a combinação complexa destas características que, segundo a autora, movimentam a cidade. De toda forma, recaímos sobre um princípio psicológico fundamental: a unilateralidade – ou monocultura – como distúrbio individual e coletivo. Saúde é diversidade, equilíbrio.

É nesta perspectiva que o projeto extensionista de desenho de som para acessibilidade, da Universidade São Judas Tadeu, de São Paulo, se lançou na experimentação de metodologias de construção de paisagem sonora para acessibilidade sociocultural a partir dos cenários e contextos urbanos mais diversos e inclusivos, representados pelas 87 fotografias da exposição “Nova Fotografia 2020”, do Museu da Imagem e do Som de São Paulo, disponibilizadas por meio do site do projeto⁵.

2. Bases teóricas

Entende-se por comunicação sonora ou poética as formas de comunicação por meio do sonoro, como paisagens sonoras artisticamente construídas, instalações, músicas e canções, ruídos e sons da cidade intencionalmente produzidos, que reúnem ferramentas capazes de mobilizar os vínculos sociais por meio da cultura e da realidade psicossocial (GABBAY; 2017; 2018; GABBAY e PAIVA, 2016).

Esta premissa parte da ideia de que a relação entre a cidade e seus moradores é um processo que é ao mesmo tempo cognoscitivo e afetivo (DURÁN, 2008, p. 81-84), onde o último apresenta formas mais intensas e heterogêneas. As diversas formas de produção de vínculo com a cidade incluem a “identificação espacial”, quando o morador sente que sua vida está inserida no lugar em que habita, para além das identificações estritamente burocráticas; Tratam-se de identificações orgânicas, comunitárias ou psicológicas – por desejo de pertencimento e projeção, o que sustenta as dinâmicas de sociabilidade em cidades, bairros, praças, festas, terreiros, quadras, dentre outros tantos espaços.

A cidade, enquanto território coletivamente partilhado e construído, é uma representação psicológica de seus habitantes. A *alma coletiva*, assim como seus desejos

⁵ <https://sites.google.com/saojudas.br/paisagemsonoranovafotografia>

reprimidos, traumas, sofrimentos, alegrias, são projetados na paisagem da cidade, seus sons, cheiros, construções e eventos. É esta a perspectiva do psicólogo James Hillman (1993, p. 7-27). A cidade é um espaço psíquico graças à produção de uma cadeia de afetos coletivamente sustentados.

Por outro lado, não podemos esquecer que, assim como a cidade representa a alma coletiva em seus aspectos manifestamente criativos ou transgressores, ela também representa as dinâmicas de repressão da *anima*. Arquetipicamente, a cidade, enquanto ente anímico, cuja potencialidade é feminina, criativa, transgressora, está em relação de constante disputa com as instituições, ente masculino, marcado pelos símbolos do poder e da normatividade. Dessa forma, podemos supor que as dinâmicas de repressão das formas criativas de ocupação da cidade se refletem em várias medidas na perspectiva normativa e higienista das instituições burocráticas e do capital.

O controle da música nas ruas, nas estações de metrô, dos ambulantes, dos grafites e pixos, dos moradores de rua, são alguns aspectos marcantes do desejo de repressão da alma criativa da cidade e dos cidadãos nela projetados.

É preciso resgatar e compreender como se estabelecem as relações psico-afetivas com a cidade, suas construções, espaços, cheiros e sons. A superurbanização, o caos, a violência e a poluição sonora provocam doenças psíquicas naqueles que habitam a cidade (HILLMAN, 1993, p. 37-42), apartam, deprimem e desestruturam a produção do comum; que vai necessitar da invenção ou recuperação de espaços propícios ao encontro, à troca de olhares e ao contato de corpos. Basta lembrarmos dos grandes mercados, que vão do Grand Bazaar de Istambul, ao Ver-o-peso de Belém, para saber que as cidades não funcionam apenas sob um propósito econômico e político, mas principalmente sob uma ordem cultural, psicológica e afetiva: a produção do comum.

Estamos falando de uma ordem comunitária que antecede as determinantes burocráticas do capital. Esta perspectiva ecológica do comum é o que apregoa Muniz Sodré (2014, p. 191-196) em sua obra recente.

E a comunicação, seja em sua forma mais “primitiva” do sonoro, seja em suas elaboradas estruturas contemporâneas, é o domínio onde se engendram os gatilhos psico-afetivos da cidade. A comunicação do comum nas cidade, segundo a perspectiva ecológica de Sodré (2014, p. 245), está implicada em uma conjuntura dos níveis ambiental, comportamental, de recursos, de crenças e valores e identitário. O

imaginário engendrado na comunicação das cidades, ainda que investido “de uma caução racionalista”, guarda aspectos da experiência vinculativa do *re-ligare*, fenômeno hoje invariavelmente tomado pela estética das mídias e da *mediatização* (SODRÉ, 2014, p. 250-251). Daí a necessidade hoje de se estabelecer uma relação dialógica entre a Universidade e os desejos da sociedade quanto ao uso dos espaços públicos.

A circulação a pé recupera experiências que incluem os odores da cidade – o cheiro úmido da vegetação das praças, do café na porta das casas – e a “paisagem sonora”, que compõe a identidade cultural de um território (SCHAFER, 2011, p. 72-135), resgatando informações sonoras que ajudam a decodificar experiências sensoriais dos espaços, como a chuva, os “convercês” nas ruas, e os vários dispositivos sonoros hoje existentes. São características da vida em movimento o *bullicio* tratado por Durán (2008, p. 114). Afirma a autora: “*El sonido, junto al color, transforma la ciudad, se apodera de ella. Borra cualquier otro signo durante el tiempo que dura e impone sin resistencia el reino de su sentido*” (DURÁN, 2008, p. 116). *O som seria, então, um dispositivo comunicacional com capacidade de interferir nas dinâmicas do cotidiano.*

A esse respeito, a teoria da musicoterapia de Rolando Benenzon (1988, p. 83) reconhece que “um dos fenômenos mais profundos do som e da música é a sua capacidade de produzir efeitos regressivos no ser humano”. Isto porque a musicoterapia benenzoniana reconhece no conceito de “identidade sonora”, o ISO, um dispositivo de regressão de toda a memória sonora do indivíduo desde a idade fetal; recurso que poderia ser usado como uma porta de acesso ao inconsciente pessoal e coletivo. Aí, o sonoro e o musical seriam um dispositivo de comunicação não-verbal com forte potencial mnemônico e psicológico, cuja função seria produzir novas formas de comunicação (BENZON, 1988, p. 13; 19; 26).

Resumidamente, a paisagem sonora de uma cidade é a expressão de sua alma, da psique coletiva, daquilo que há de expresso e de não-dito. É a forma psicológica radical de comunicação do inconsciente coletivo.

Esta perspectiva comunicacional e psicológica da paisagem sonora se sustenta pela perspectiva do som como expressão não-verbal de conteúdos com sentido e significado relevantes para o indivíduo ou para a coletividade (BRUSCIA, 1998, p. 92-95). Para o psicólogo americano Kenneth Bruscia (1998, p. 111), mesmo quando o material sonoro não apresenta uma estrutura musical ou cancionista – ruídos, sons

aleatórios, do cotidiano, do corpo, etc – ele está carregado de símbolos e representações que podem despertar no ouvinte memórias traumáticas tanto quanto arquétipos de seu tempo e lugar.

Inspirados nisso, mas especialmente na rica variedade de reflexões teóricas sobre a inflexão entre a escuta, a produção de subjetividade e o mercado (MENEZES e CARDOSO, 2012, SCHAFER, 2011), pretendemos, com este texto, apresentar as primeiras apreciações do projeto extensionista de desenho de som para acessibilidade realizado no primeiro semestre de 2021 na Universidade São Judas Tadeu, em São Paulo, visando observar e experimentar a função da paisagem sonora nos processos de sociabilidade em espaços públicos.

3. Metodologia e experiência para construção de paisagem sonora sociocultural

O projeto extensionista de desenho de som para acessibilidade, em parceria com o Museu da Imagem e do Som de São Paulo (MIS) teve como objetivo acadêmico principal despertar o interesse dos alunos para a importância da paisagem sonora para as dinâmicas de sociabilidade e acesso à cidade.

Através do ensino teórico e prático de construção de paisagens sonoras para fotografias, eles conseguiram colaborar na ampliação das ferramentas comunicacionais sonoras para inclusão de pessoas cegas e de baixa visão, promover uma imersão sonora aos visitantes, desenvolvendo paralelamente, competências para elaboração de projetos na área de produção sonora.

A exposição “Nova Fotografia 2020” se preocupou em trazer uma experiência interativa e acessível para o público. Logo na entrada, as pessoas se posicionavam no local indicado e, através da narração do curador responsável, conheciam a proposta de cada fotógrafo, acompanhada da audiodescrição⁶ de fotos selecionadas, já que cada profissional tinha uma inspiração diferente. Um QR-Code ao lado era acessado, direcionando o visitante para o website do projeto extensionista de desenho de som para acessibilidade da USJT, contendo as paisagens sonoras de cada foto da exposição.

Divididos em grupos, os alunos trabalharam questões referentes à acessibilidade e criação de um produto sonoro inclusivo. Conheceram as características da linguagem

⁶ O processo de audiodescrição pode ser aplicado em qualquer circunstância, seja ela educativa, cultural ou social e deve-se entender que ela é um método que possibilita melhorias a pessoas cegas ou com baixa visão no acesso do conteúdo informacional, neste caso da imagem/fotografia. (MICHELON, 2013).

sonora, os principais elementos para composição de um desenho de som e técnicas de gravação e edição de áudio. A intenção era, principalmente, oferecer aos visitantes cegos e de baixa visão o acesso e a inclusão ao conteúdo informacional das fotografias expostas, mas de uma maneira ampliada, onde os sentidos socioculturais estão também implicados.

Surgiu a ideia de criar paisagens sonoras para as fotos ao invés da audiodescrição, tão conhecida por pessoas com deficiência visual, em que o foco é a descrição detalhada do que está em uma imagem, através de uma narração. Despertar sensações e mexer com o imaginário seria algo diferente e instigante, já que através dos sons, a imagem ali exposta seria formada de acordo com a sensibilidade e interpretação de cada um, mas com a comunicação sonora de aspectos do ambiente sociocultural.

Para alcançar esse propósito, transformar fotografias em sons, o conceito de paisagem sonora de Murray Schafer foi fundamental para nortear a vivência dos alunos. Uma paisagem sonora é formada por diferentes sons que compõem um determinado ambiente. É um conceito com origem na palavra inglesa "*soundscape*", que se caracteriza pelo estudo e análise do universo sonoro que nos rodeia. Cunhado pelo compositor e teórico canadense Murray Schafer, nos anos 1970, em seu livro "*The Soundscape: Our Sonic Environment and the Turning of the World*", foi "emprestado" pelos profissionais de comunicação, cinema e audiovisual para designar todos os sons que compõem um ambiente, uma imagem/cena estática ou em movimento. Segundo Schafer (2011), paisagem sonora é qualquer porção do ambiente sonoro vista como um campo de estudos. O termo pode se referir a ambientes reais, como as paisagens da natureza, ou uma construção sonora musical.

Para analisar uma paisagem sonora é preciso descobrir as suas principais características, com o reconhecimento dos sons que são importantes nesse ambiente, seja pela sua individualidade, pela numerosidade ou através da sua dominância (SCHAFER, 1993). Essas teorias ajudaram na compreensão das experiências sensoriais, e na composição dos ambientes presentes nas obras.

O processo de construção das paisagens sonoras para as 87 fotografias da exposição (divididas em seis salas, uma para cada fotógrafo), foi organizado de maneira a orientar os alunos a criarem narrativas para as imagens, através apenas de música, efeitos e ruídos, de uma maneira a estimular o imaginário dos visitantes ao

apreciar a imagem e seu contexto sociocultural, geográfico e urbano, além de conduzir pessoas com deficiência visual pelas salas do MIS.

A intenção de construir um desenho de som foi explorar os sentidos e experimentar as potencialidades comunicacionais da paisagem sonora em uma ação de acessibilidade e inclusão para as pessoas com deficiência visual aos espaços expositivos e culturais da cidade de São Paulo, almejando não só contribuir para a produção de espaços mais inclusivos, mas também experimentar as possibilidades comunicacionais da paisagem sonora em sua função de incluir na imagem aspectos socioculturais do ambiente, como sons de indiquem as condições sociais, de moradia, urbanísticas, geográficas, culturais e mesmo políticas do lugar.

A acessibilidade é um tema recente e de grande importância, principalmente no meio cultural. A partir da orientação dos docentes e de visitas online guiadas pela equipe do Núcleo Educativo do MIS, os alunos começaram a planejar como seria esse processo de construção das paisagens sonoras para as fotografias da exposição, incrementando ainda uma discussão acerca do papel do comunicador na produção de ambientes inclusivos e comunicacionais. Eles puderam desenvolver a cultura do saber ouvir, criaram uma sensibilidade visual e auditiva.

Os procedimentos metodológicos utilizados foram:

- Distribuição das fotos entre os grupos;
- Análise das fotografias e de seu contexto sociocultural, e uma primeira descrição de acordo com suas percepções;
- Leitura orientada dos relatos dos fotógrafos;
- Visita guiada à Exposição, junto a equipe do Núcleo Educativo do MIS;
- Pesquisa cultural da paisagem sonora dos ambientes a serem sonorizados;
- Montagem do roteiro/design de som;
- Escolha dos recursos sonoros: pesquisa de trilhas e efeitos sonoros (ruídos) em bancos de som, gravações de sons a serem utilizados;
- Edição e mixagem final de um arquivo sonoro de 1 minuto em formato WAV;
- Construção de um site com acesso às paisagens via QR-Code.

O desafio dos alunos foi oferecer às pessoas com deficiência visual a oportunidade de “enxergar” o que estava na imagem através das narrativas sonoras.

Eles idealizaram as paisagens sonoras para proporcionar a todos uma imersão ampliada, uma imagem sonora do que estava ali exposto, incluindo aspectos não contemplados na audiodescrição convencional, como traduzir ambientes periféricos em sua sonoridade, ou traduzir a cultura muçulmana em seus códigos sagrados e cotidianos, dentre outros aspectos.

Diferente da audiodescrição, essa construção sugeria um estímulo à imaginação. A mesma foi facilitada pelos elementos sonoros. O som tem esse poder. Por isso, em uma fase inicial, a pesquisa por esses sons, a análise e leitura das imagens foi tão importante.

Uma fotografia pode ter várias percepções e diferentes interpretações. Ali é representada uma época, uma cultura, um ambiente sociocultural. Quais eram os principais códigos ali presentes? Onde foi feita a foto? Quais implicações sociais, político-econômicas e culturais do contexto daquela imagem? Qual o som presente no local naquele momento? Somente o fotógrafo pode saber a real situação do local fotografado e o que se passou naquela ocasião. Aqui se inicia o processo de criatividade, mas com o desafio de descrever da maneira mais clara e próxima possível o que realmente estava na imagem.

Reconhecer o que havia na fotografia e construir os sons. O que é expresso pela imagem/fotografia? Perguntas como: O que vemos na imagem? Onde foi capturada? O espaço geográfico. Em que época? Quais os principais elementos detalhados? Através dessas respostas, se constrói o desenho sonoro.

Os sons do ambiente têm significados referenciais. Essas sonoridades têm que se aproximar com o ambiente e possibilitar a construção do saber relacionado ao lugar através de seu som.

A fotografia representa mais do que um mero acontecimento: apresenta o contexto de um espaço, tempo, pessoas e objetos. A imagem fotográfica pode representar diversas percepções em torno de quem a observa e a interpreta, e, neste caso, dependendo do som utilizado, poderia mudar de pessoa para pessoa.

A orientação foi descrever o que se via na imagem segundo a percepção de cada um e das informações obtidas com o Núcleo Educativo do MIS: transmitir e compreender a informação ali presente.

Toda sonoridade foi composta de camadas de som que, mixadas, representaram os elementos do espaço imagético: um ruído de fundo, um som dominante em destaque

na imagem, em que a atenção é particularmente dirigida e pode ser associado com uma fonte específica retratada, e sons gerais que compõem o contexto totalitário da obra. Tudo isso somado ao cuidado com a intensidade do som e a espacialidade.

Nesse sentido, cabe destacar o resultado positivo do projeto e ressaltar a importância da continuidade de estudos e trabalhos para tornar a arte cada dia mais acessível, com o intuito de gerar novas soluções e colocar o profissional de comunicação frente aos desafios da acessibilidade informacional com a garantia de tornar os espaços culturais das cidades mais inclusivos na sociedade. Além disso, ressalta-se também a verificação da paisagem sonora urbana como expressão psicológica da psique coletiva, daquilo que há de exposto e de não-dito. É a forma psicológica radical de comunicação do inconsciente coletivo, traduzindo aspectos socioculturais conscientes e inconscientes sobre os cidadãos e a cidade.

Assim, as contribuições deste projeto se resumem na definição de uma metodologia de construção de paisagem sonora sobre a cidade que atende à função sociocultural de ampliar os sentidos sobre o território, e também à função da inclusão de pessoas cegas e de baixa visão de uma maneira mais complexa e crítica na paisagem da cidade.

4. A Questão da Inclusão

Nas perspectiva da inclusão social, a arte tem um papel fundamental no processo de formação do indivíduo, ela o ajuda a desenvolver a criatividade, a crítica e a socialização, auxiliando nas capacidades individuais e habilidades intelectivas. Ao se expressar de forma artística, a pessoa se sente valorizada, pois ela eleva as possibilidades de experimentação e autoestima, além de oferecer a oportunidade de contemplação, análise e reflexão do trabalho artístico.

Quando pensamos em museus e espaços públicos, temos que analisar se eles são considerados acessíveis, ou seja, se oferecem acesso em suas instalações e conteúdos com equidade para toda a população. Historicamente, as pessoas com deficiência possuem um passado marcado pela exclusão e descaso, eram segregadas na sociedade e em muitas ocasiões foram perseguidas e até mortas de forma brutal, acreditava-se que essas pessoas estavam sofrendo um tipo de castigo divino e a condição delas justificava o tratamento hostil e violento que lhes era oferecido (FERREIRA, 2010, p. 61). O estigma da exclusão se estende a todo tipo de indivíduo considerado “anormal”, seja

por sua condição física, social ou econômica, o que Foucault (2018, p. 36) denominou como “poder de normalização”, consolidado nos hospícios e cidades sitiadas a partir do século XVIII.

Os movimentos de resistência formados por pessoas com deficiência foram fundamentais para a criação e permanência de muitos direitos e melhorias consideráveis para a vida dessas pessoas. Como é algo necessário e de suma importância que todas as pessoas tenham direito e acesso à cidade e à cultura, atualmente a maioria dos museus e espaços culturais oferecem programas para pessoas com algum tipo de deficiência ou condição. A esse respeito Tojal (2015) declara:

A presença cada vez mais efetiva dos públicos com deficiência em museus foi alcançada a partir de um longo processo de abertura dessas instituições, inicialmente dedicadas a uma finalidade mais restrita e elitizada, fosse para atender os públicos especializados, fosse para, não raro, afirmar-se como um espaço restrito de um segmento privilegiado da sociedade. É da compreensão, no entanto, da função social dos museus, que há de conformar sua atuação, conferindo-lhes um papel mais incisivo de transformação da ordem social, inequívoca e importante mudança de paradigma, que se experimentará o surgimento de um novo papel ao qual os museus hão de estar vocacionados (TOJAL, 2015).

Pensando nas questões de inclusão e acessibilidade, em 2015 o Museu da Imagem e do Som de São Paulo criou o programa Acessa MIS. Com edições trimestrais, ele tem o objetivo de buscar a aproximação de públicos com deficiência ao universo cultural do museu, através de visitas mediadas e atividades práticas. O programa incentivou a equipe a explorar novos saberes sobre acessibilidade relacionado com diversas linguagens artísticas.

Com a experiência positiva com o Acessa MIS, a parceria com a Universidade São Judas Tadeu resultou no projeto extencionista de desenho de som, que tinha o objetivo de criar paisagens sonoras para as fotografias da exposição “Nova Fotografia 2020”.

A exposição “Nova Fotografia 2020” contou com a participação de seis fotógrafos que produziram seis projetos diferentes, entre eles: Ana Rovati - "Offline", Ana Clara Muner - "Origami", Paula Pedrosa - "Nunca Enganaremos", Lucas Sirino - "Castelos e Ruínas", Marcelo Schellini – Tarikh al-Brasil", e Daniela Torrente - "Sombra de Vitória"; todos com a característica comum de abordar aspectos socioculturais da vida nas cidades, seja em seus bairros periféricos, na relação com o

feminino e com a mulher, ou com comunidades imigrantes. O projeto consistia em apresentar o trabalho de cada fotógrafo e suas referências aos alunos envolvidos; e a partir dessa formação, mediada pelo Núcleo Educativo do MIS, os alunos da USJT desenvolveram as paisagens sonoras das fotografias da exposição. O resultado desse trabalho foi a criação de um website que foi disponibilizado aos visitantes por QR-Code nos espaços expositivos do museu.

Além da paisagem sonora, trabalhamos com os alunos da USJT práticas de Leitura de Imagem e Audiodescrição, que são práticas inclusivas usadas diariamente pelos educadores do MIS.

O resultado, a título de exemplo, pode ser verificado na forma como os alunos representaram a imagem de Lucas Sirino sobre a periferia de São Paulo (Figura 1). A parede chapada de um prédio de tijolos, com as lajes expostas, e atravessado por cabos de rede elétrica, apresenta a precariedade e a diversidade sonora da habitação na cidade. A profusão sonora da paisagem construída pelos alunos traduz o caos de construções, adaptações prediais, o ruído do tráfego na rua e a tensão elétrica dos cabos.

Figura 1: fotografia da sala “Castelos e Ruínas”, de Lucas Sirino, para a “Nova Fotografia 2020”, MIS-SP.



Outro exemplo destacável é a imagem do fotógrafo Marcelo Schellini, na sala “Tarikh al-Brasil”, que retrata a imigração muçulmana no Brasil e suas experiências de invisibilidade. A imagem de um pequenino Alcorão em *close-up*, revelando apenas as

mãos de um homem negro que o seguram com cuidado (Figura 2) foi sonorizada com fragmentos de rezas em árabe com efeito reverberado das mesquitas, sobreposto pelo vai-e-vem de passos ao fundo, para traduzir o corte no espaço-tempo do sagrado muçulmano onde quer que esteja a diáspora africana islâmica.

Figura 2: fotografia da sala “Tarikh al-Brasil”, de Marcelo Schellini, para a “Nova Fotografia 2020”, MIS-SP.



O projeto nos deu a oportunidade de contemplar e analisar as fotografias e pensar sobre sua descrição, contexto sociocultural e individualidade. Conseguimos entrar no universo singular de cada fotógrafo e apresentar a diversidade dos trabalhos, territórios e contextos, que mesmo oriundos de uma linguagem artística em comum, que é a fotografia, são completamente diferentes.

5. Resultados Preliminares:

Os resultados preliminares do projeto apontam para as possibilidades da paisagem sonora como dispositivo comunicacional inclusivo e cidadão, seja pela capacidade desta linguagem em ampliar a acessibilidade a pessoas cegas com informação sociocultural e crítica, seja pela capacidade da paisagem sonora de traduzir e expressar a *alma* coletiva da cidade, ou seja, seus conflitos sociais, culturais e psicossociais.

As ferramentas de audiodescrição para pessoas cegas têm se concentrado e padronizado em métodos de descrição mais literal de imagens em fundo silencioso visando tornar mais clara a compreensão da cena. Neste projeto, experimentamos trabalhar a audiodescrição com arquivos de paisagem sonora, cuja função é adicionar à imagem fotográfica aspectos culturais, afetivos e sensoriais, que ajudariam a pessoa cega a configurar melhor a imagem. A exposição dos áudios no espaço expositivo do MIS-SP possibilita verificar o impacto deste projeto no consumo de fotografias e no envolvimento crítico do público com a imagem, além de ampliar o acesso à pessoas com deficiência visual para além da descrição literal.

Com este projeto, concluímos que as ferramentas de audiodescrição para acessibilidade a pessoas cegas podem ser potencializadas com o acréscimo de paisagens sonoras moderadas e equalizadas ao enriquecimento da descrição sociocultural e sensorial das cenas. As técnicas e métodos testados apontam para um nível de volume, recursos sonoros e duração que pode ser replicado em futuros trabalhos, validados por especialistas do Núcleo Educativo do Museu da Imagem e do Som de São Paulo.

Acima de tudo, acreditamos que a paisagem sonora como ferramenta comunicacional de audiodescrição e acessibilidade pode colaborar na ampliação da percepção crítica sobre a cidade, seus relevos socioculturais, econômicos e políticos, pois acrescente às formas de representação da vida urbana aspectos psicossociais do som que, como vimos, carregam projeções de representação dos conflitos da cidade e dos cidadãos.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. **Introdução à Sociologia da Música**. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

BENENZON, Rolando. **Teoria da musicoterapia**. São Paulo: Summus Editorial, 1988.

BRUSCIA, Kenneth E. **Defining Music Therapy**. New Heaven: Barcelona Publishers, 1998.

DURÁN, María-Ángeles. **La Ciudad Compartida: conocimiento, afecto y uso**. Santiago de Chile: Ediciones Sur, 2008.

FERREIRA, Aurora. **Arte, Escola e Inclusão**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Os Anormais**. São Paulo: Ed. WMF Martins Fontes, 2018.

GABBAY, Marcello. **Comunicação Poética e Música popular: uma história do carimbó no Marajó**. Curitiba: Appris, 2018.

_____. Doença Mental e Composição Confessional: análise de dois casos na música popular. Monografia de Especialização em Musicoterapia Preventiva e Social. São Paulo: FMU, 2017.

GABBAY, Marcello e PAIVA, Raquel. Cidade, Afeto e Ocupações: ou a transfiguração do espaço público no Brasil contemporâneo. Anais do XXXIX Congresso da Intercom. São Paulo: USP, 2016.

GEHL, Jan. **Cidades para Pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2010.

HILLMAN, James. **Cidade e Alma**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

JACOBS, Jane. **Morte e Vida nas Grandes Cidades**. São Paulo: WMF, 2011.

MENEZES, José Eugênio O. e CARDOSO, Marcelo (orgs.). **Comunicação e Cultura do Ouvir**. São Paulo: Plêiade, 2012.

MICHELON, F. F. Palavras que levam a imagens: fotografia para ouvir. **Discursos fotográficos**, Londrina, v. 9, n. 15, p. 189-210, jul./dez. 2013. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/discursosfotograficos/article/view/13118>. Acesso em: 04 agosto 2021.

SCHAFER, Murray. **A Afinação do Mundo**. São Paulo: Unesp, 2011.

_____. **The Soundscape: Our Sonic Environment and the Turning of the World**. Destiny Books. Rochester, 1993.

SODRÉ, Muniz. **A Ciência do Comum**. Petrópolis: Vozes, 2014.

TOJAL, Amanda. Política de Acessibilidade Comunicacional em Museus: para que e para quem?. In: **Revista Museologia e Interdisciplinaridade**, v. 4, n. 7. Brasília: UNB, 2015.